

*As Cartas de Aconselhamento como Espaço de Socioconstrução da Identidade Homossexual*¹

Rodrigo Acosta PEREIRA²
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: Esta pesquisa se insere na área dos estudos sobre gêneros discursivos, abordagem crítica de análise discursiva, construção da identidade social e gramática sistêmico-funcional. Objetiva-se analisar o gênero carta de aconselhamento em revistas direcionadas ao público homossexual masculino com base na Análise Crítica do Discurso sob perspectiva e na Gramática Sistêmico-Funcional. Esse estudo contribui para a compreensão da relação bidirecional entre discurso e estruturas sociais e sua relação com a construção de identidades.

Palavras-chave: gênero carta de aconselhamento; análise crítica do discurso, identidades sociais.

Abstract: This research is related to the area of Genre Studies, Critical Discourse Analysis, Socioconstruction of Identities and Systemic-functional Grammar. It aims to analyze the genre advice letter published in magazines directed to male homosexual readers. This study contributes to the comprehension of the relationship between discourse and social structures and its close relationship to the Socioconstruction of identities.

Keywords: genre advice letter; critical discourse analysis; social identities.

Resumen: Esta investigación está relacionada con en el área del estudio de los Géneros Discursivo, Análisis Crítico del Discurso, Socioconstrucción de Identidades y Gramática Sistémico-funcional.

¹ Trabalho desenvolvido sob orientação da Prof. Dr^a Désirée Motta-Roth.

² Pós-graduando em Metodologia do Ensino de Inglês pela UNIFRA. Prof. do Curso de Extensão em Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Maria – CELS/UFMS.

Tiene como objetivo analizar el género carta de asesoramiento publicadas en revistas direccionadas para lectores homosexuales masculinos. Este estudio contribuye para la comprensión de la relación entre discurso y estructuras sociales y su relación con la socioconstrucción de identidades.

Palabras-clave: género carta de asesoramiento; análisis crítico del discurso; identidades sociales.

Introdução

(Inter)agimos por meio da linguagem diariamente em diferentes práticas sociais: estabelecendo relações sociais, estruturando experiências, (re) construindo identidades e desenvolvendo conhecimento (FAIRCLOUGH, 1992; 1994).

Halliday (1985, p. 3-11) afirma, nesse sentido, que “a linguagem é um dentre os sistemas por meio dos quais construímos sentidos, e esse sistema se organiza na forma de rede de escolhas léxico-gramaticais”. Para o autor, “combinações de escolhas codificam e realizam significados”. Esses significados são negociados e produzidos no processo de interação social por pessoas que, como membros de grupos sociais, se engajam em eventos comunicativos por intermédio da linguagem.

Dessa forma, compreender os eventos comunicativos é poder relacioná-los aos seus contextos de produção, distribuição e consumo. Entendemos que, sob a perspectiva hallidayana, um texto pode ser considerado como “linguagem realizando alguma tarefa em algum contexto [...]”³ (HALLIDAY, 1985, p. 10) e o contexto em que esse texto se desenvolve pode ser concebido como a situação ou o ambiente que produz e é produto desse texto (HALLIDAY, 1985, p. 5). Assim, para compreender as diversas atividades diárias, isto é, o uso da linguagem como sistema mediador da interação em um grupo social, torna-se fundamental estudar os textos produzidos nos eventos comunicativos como também os contextos em que esses se desenvolvem mediados pela linguagem.

³ Tradução do autor.

Bazerman et. al (2005, p. 19) afirma que, nessas atividades diárias, “as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimentos [e fazem isso] por meio de textos.”

De acordo com o autor, esses textos são produzidos numa seqüência de eventos que, por sua vez, são compostos por fatos sociais cuja principal característica é apresentarem-se estruturados e tipificados.

Sob essa perspectiva, podemos entender que as práticas sociais moldam o uso da linguagem em determinados eventos comunicativos tipificados, os quais denominamos de gênero. É a partir disso que Marcuschi (2002; 2005) enfatiza o papel da prática social na produção da linguagem na forma de gêneros, já que para o autor, “os gêneros servem para [entre outras funções] estabilizar as atividades humanas” (MARCUSCHI, 2002, p. 17).

O objetivo deste artigo é analisar a configuração textual e contextual de cartas de aconselhamento publicadas na revista G Magazine de maio de 2002 (ano 5; d. 56). Os objetivos específicos são: verificar nas cartas de aconselhamento como se constitui a relação dialética entre discurso e estrutura social com base em Fairclough (1992; 1994), Giddens (1984; 2002) e Meurer (2000).

Busco verificar, nessas cartas, em que medida, diferentes discursos e estruturas sociais conjuntamente determinam o que pode ou deve ser dito e como as escolhas (léxico-gramaticais) dos participantes da carta emanam de valores, crenças e visões de mundo de indivíduos que se inserem em relações interpessoais e constituem diferentes identidades sociais (FAIRCLOUGH, 1992; MOITA LOPES, 2002; 2003). Na constituição do discurso, analisarei as metafunções ideacional e interpessoal da linguagem (HALLIDAY, 1994) com foco na configuração contextual e textual (HALLIDAY; HASAN, 1985) e na constituição da identidade social (MOITA LOPES, 2002; 2003, HALL, 2000; GIDDENS, 1992; 2002).

2 Revisão de Literatura

2.1 Estrutura social, discurso e gênero

Por meio do discurso, os indivíduos constroem, criam e recriam realidades, sofrendo as coerções da realidade circundante da

qual se inserem (FAIRCLOUGH, 1992; 1994). As diferentes escolhas léxico-gramaticais que os indivíduos se utilizam em suas diversas atividades mediadas pela linguagem sofrem determinadas e específicas regulamentações de formação, oriundas de regras e recursos que constituem a estrutura social, determinando como as pessoas agem, se comunicam ou se comportam.

Conforme Giddens (1984; 2002) propõe, as estruturas sociais são constituídas e existem como resultado do uso que as pessoas fazem de regras e recursos. Com isso, podemos entender que regras são normas, as convenções e os significados através dos quais as pessoas se orientam ao compreender ou desempenhar ações sociais. Os recursos são as posses e as capacidades que as pessoas têm que lhes permitem exercer controle sobre o meio ambiente e sobre os outros indivíduos. As regras e recursos formam as estruturas porque se repetem no tempo e no espaço e criam esquemas de expectativas dentro dos quais as pessoas agem e se comportam ou utilizam a linguagem, formas tipificadas de uso social da linguagem. Meurer (2000) baseado em Giddens (1984) discute que as regras se subdividem em elementos normativos e códigos de significação e os recursos em autoritativos e alocativos que, por sua vez, respectivamente, constituem as estruturas de legitimação, significação e de dominação e hegemonia.

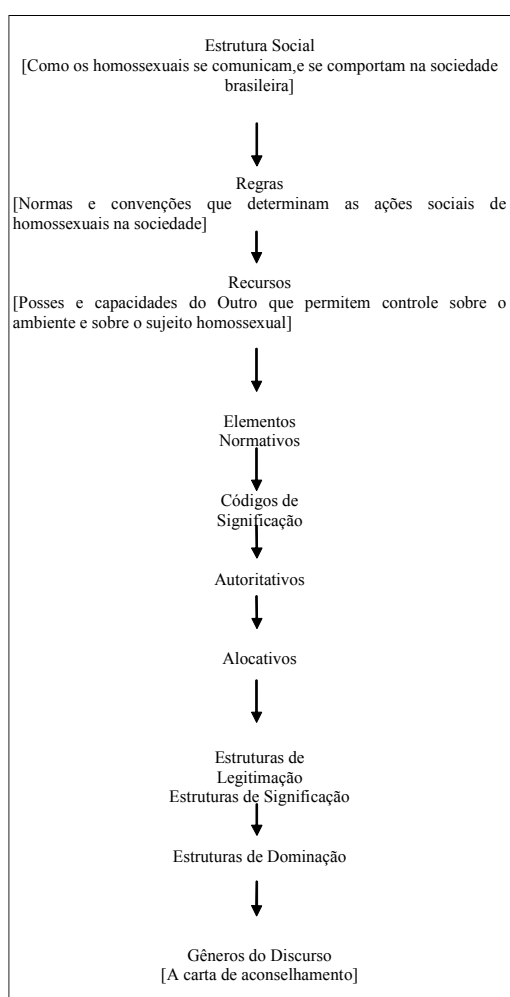
Meurer (2000, p. 157) propõe que, “tipicamente, as estruturas de significação e legitimação são realizadas através de textos específicos –[gêneros]- que, por sua vez, refletem e reproduzem diferentes discursos”. O autor ainda retoma que “a sociedade em si constitui uma estrutura e os eventos sociais – incluindo os gêneros – constituem estruturas menores que tomam forma, são reproduzidas e/ou vão mudando paulatinamente, dentro da estrutura social”.

A linguagem é uma prática social, sendo que as formas discursivas e estruturas sociais se influenciam mutuamente (FAIRCLOUGH, 1992; 1994). Dessa forma, podemos dizer que os diferentes gêneros do discurso são orientados por diferentes regras e recursos que constituem seu sentido.

A linguagem em uso como prática social e as transformações que ocorrem no tempo e no espaço acarretam mudanças de valores, crenças e rituais culturais de uma sociedade, “é pensar a vida social em e através das práticas sociais e discursivas” (GOMES, 2003).

As fundamentações da teoria da estrutura social proposta por Giddens (1984) pode contribuir para compreendermos como se dá a ligação entre o texto e a sociedade, verificando, com isso, como nossas diversas escolhas de uso da linguagem são influenciadas por diferentes propriedades estruturantes da sociedade: regras e recursos.

Quadro 1 – A relação entre Estrutura Social e Linguagem, adaptada de Meurer (2000; 2004)



Após a leitura do quadro podemos compreender que o gênero, nesse caso a carta de aconselhamento, se constitui como uma forma tipificada de comunicação que resulta da relação dialética entre as regras (propriedade estruturadora das condutas sociais) e recursos (propriedade estruturadora de autorização e dominação).

Constatamos, dessa forma, que a estrutura social não apenas restringe, regulariza e padroniza nossas ações sociais como também determina nosso papel na sociedade, categorizando e construindo nossa identidade.

É importante atentarmos para a relevância de relacionar aspectos da estrutura social com a análise do discurso, buscando aliar uma teoria social para descrever a inter-relação entre significados e contexto (cultural e situacional). Meurer (2004), a esse respeito, discute a importância da análise da Teoria da Estruturação Social de Giddens (1984) como ferramenta para análise do contexto. Segundo o autor, da relação entre linguagem e estruturação social, teremos uma ampliação da noção de contexto na Linguística Sistemico-funcional (HALLIDAY; HASAN, 1985; HALLIDAY, 1994; EGGINS, 2004), além de discutir aspectos de caráter social, contribuindo para estudos da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992; 1994). O objetivo dessa relação, de acordo com Meurer (2004, p. 135), “é desenvolver uma fundamentação sociológica abrangente para a descrição e explicação da interdependência entre textos e contextos mais amplos”.

A partir disso, na próxima seção, objetivo discutir como aspectos relativos à estrutura social estão relacionados com a construção da identidade e do discurso, buscando compreender como diferentes escolhas lexicais e gramaticais que utilizamos ao nos comunicarmos diariamente emanam de valores morais e crenças que resultam em diferentes práticas e identidades sociais.

2.2 Sexualidade, discurso e identidade

As regras e recursos sociais moldam nossos desejos, visões e comportamentos, impondo determinados “rótulos” de identificação (MEURER, 2004), institucionalizando acepções de que temos que ser aquilo que é aceitável, regulamentado e autorizado pelos padrões da estrutura social.

Segundo Woodward (2000, p. 30),

[vivemos] no interior de um grande número de diferentes instituições que constituem [...] ‘campos sociais’ [...]. [...] participamos dessas instituições ou campos sociais, exercendo graus variados de escolhas e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um [...] conjunto de regras simbólicas. Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais.

Percebo que diferentes práticas discursivas constituem diferentes identidades que, por sua vez, se inter-relacionam com diferentes práticas sociais. As cartas de aconselhamento apresentam-se como uma prática discursiva na qual a identidade homossexual se constrói a partir de experiências pessoais e das relações interpessoais das quais o sujeito homossexual participa.

Além disso, no contexto das cartas, o sujeito homossexual está procurando se compreender, e compreender sua própria posição social, sua identidade, construindo um espaço de busca de soluções, característica própria da sociedade contemporânea.

Giddens (2002, p. 34-37) discute que essa busca de soluções é comum na própria busca de compreender-se, pois, segundo o autor, “a vida sempre foi um negócio arriscado, cercado de perigos [...], [em que] a conexão mais distintiva entre [esses perigos] e o Eu deve ser encontrada no surgimento de modos de terapia e orientação de todos os tipos [inclusive cartas de aconselhamento]”.

A carta, desse modo, apresenta-se como um ambiente de construção de identidade, de “um Eu alterado, explorado e construído com parte de um processo reflexivo de [tentativa] de conexão de mudança pessoal e social” (GIDDENS, 2002, p. 37-38).

Entendo que essa atividade de buscar entender-se na construção do texto na carta, ao mesmo tempo em que fortalece o padrão cultural da heterossexualidade, tal atividade também perpetua e cristaliza as “diferenças” (se existentes, mas de acordo com as convenções hegemônicas) entre “heteros” e “gays”.

Essa tendência naturaliza as versões culturais em fatos da vida que não poderiam ser diferentes e que pode muito bem contribuir para a reprodução de ideologias, uma lógica que é prejudicial para a construção social da identidade homossexual.

A esse respeito, Woodward (2000, p. 31) afirma que,

a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver nossas vidas pessoais, [mas poderá haver] tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de outra.

Podemos entender, com isso, que as identidades sexuais estão se tornando questionadas e ambíguas e, indiscutivelmente, determinadas por regras e recursos sociais, pois “a forma como vivemos nossas identidades sexuais [na sociedade contemporânea] é mediada por significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação” (WOODWARD, 2000, p. 32).

Giddens (1992, p. 28) argumenta que “a sexualidade não deve ser compreendida somente como um impulso [...]. Mas é um ponto de transferência especialmente denso para as relações de poder, algo que pode ser subordinado como um foco de controle social [...]”. Compreendemos, dessa maneira, que a sexualidade foi um dos processos envolvidos na constituição e desenvolvimento da sociedade contemporânea. Diversos valores, crenças e ideais são colocados em discussão e reestruturação, embora ainda resignados às estruturas de dominação. Giddens (1992, p. 33-39) sob essa perspectiva, afirma que “a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos de poder; a sexualidade é o estrutural básico da atividade social nos ambientes contemporâneos”. Quanto às cartas, Giddens (1992) postula que “na área do discurso sexual, os textos que informam, analisam e comentam a sexualidade, na prática, são de muito mais longo alcance em seus efeitos do que aqueles abertamente propagandistas [...]”.

Percebemos, dessa forma, a influência da mídia na construção da identidade homossexual. Textos diversos buscam apresentar e determinar modos de conduta que reestruturaram comportamentos, idéias e valores, construídos “rótulos” identitários, tornando-se formas de apropriação de identidades. Tenta-se reconhecer sua identidade, busca-se neutralizar a inquietação: *quem sou eu?*

Dessa inquietação sobre a identidade homossexual, e [sobre a o papel das cartas de aconselhamento na] construção reflexiva da identidade, Giddens (1992, p. 41) discute que,

Quem eu sou? [...] um problema que não possui nome – vem à tona em particular intensidade. A questão é de identidade sexual, mas não apenas isso. Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de auto-ajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revistas.

Nessa perspectiva, podemos entender que a construção da identidade ascende do discurso em determinadas práticas discursivas, sofrendo determinadas influências de regras e recursos estruturadores da sociedade. Essas propriedades de regulamentação, legitimação e dominação do discurso não apenas criam espaços de reflexão e busca de compreensão da identidade como tornam, particularmente problemática, na vida social contemporânea, a compreensão de quem somos, como constituímos o Outro e nossa vida social.

Moita Lopes (2003, p. 13) propõe que entendamos “o discurso como espaço de construção das identidades”, isto é, compreender que as identidades são construções sociais promovidas de acordo com padrões de ordem social que constituem o Eu na sociedade.

Segundo o autor, a sociedade contemporânea tem demandado diferentes mudanças sociais que têm, diretamente, influenciado o processo de (re) construção das identidades. Surgem novas formas de organização social que não apenas questionam como (re)formulam práticas sociais cotidianas.

De acordo com Moita Lopes (2003, p. 15),

Há nas práticas cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão de classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade, etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual,

muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos ‘gays’, feministas, rastafaris, etc.

O que percebemos é que estamos, contemporaneamente, inseridos em práticas sociais que nos fazem pensar e repensar nossas vidas. Questionamentos de valores sociais que até então eram apresentados como “naturais”, tornam-se contestados, interrogados, buscando certa “liberação” de domínios “tradicionais” e “hegemônicos”. Moita Lopes (idem: 16) afirma que, “vivemos tempos em que a vida tradicional, ou seja, muitos valores, éticas, ideologias e percepções da vida social entendidos como verdades naturalizadas, estão sendo profundamente questionados”.

Em síntese, torna-se fundamental entendermos que nossa identidade é determinada por práticas sociais, que estão em constante dinâmica e reestruturação, processos comuns da sociedade contemporânea.

Cada discurso representa nossa identidade, isto é, somos aquilo que nosso discurso constrói para nós. Somos posicionados em diferentes contextos sociais, relações interpessoais nas quais não apenas construímos nossa identidade como construímos nossa participação nos diversos processos sociais e culturais, nos identificando ou não com os diversos modos de ser postos em relação na sociedade.

2.3 Interdiscursividade: conflito de ideologias

Discurso é linguagem em uso. “É um conjunto de afirmações que, articuladas na linguagem expressam valores e significados das diferentes instituições” (MEURER, 2005, p. 87, retomando FOUCAULT, 1972; KRESS, 1989 e FAIRCLOUGH, 1992). Nesse sentido, o texto passa a ser a realização lingüística da qual se manifesta o discurso.

No discurso e através dele, os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam estruturas e as práticas sociais nas quais se inserem. Nessa perspectiva, Ideologia é vista como “significados/construções da realidade (do mundo físico, das relações sociais, das identidades sociais) que são incorporadas a várias dimensões das formas e significados das práticas discursivas, e que contribuem para a

produção, reprodução e transformação de relações de dominação”⁴ (FAIRCLOUGH, 1992, p. 87).

Como o sujeito se baseia em diferentes discursos culturais e se posiciona diante desses discursos em suas afirmações a respeito de quem é, isto é, o processo de constituição de sua identidade se dá a partir de um diálogo de diferentes espaços discursivos e é nesse diálogo que se constitui o discurso.

Fairclough (1992; 1994) aponta a análise da interdiscursividade como uma dimensão analítica potencial para a mudança social das formas modernas de práticas sociais e discursivas. As representações sociais e suas práticas discursivas são resultantes das estruturas e processos sociais e históricos, nas quais são situadas. Aspectos interdiscursivos moldam o discurso dos indivíduos e refletem formas de perceber a realidade, estabelecer identidades e padrões de conduta vigentes na sociedade (ver MEURER, 2005). A seguir passo à análise das três metafunções da linguagem com base em Halliday (1994) e Eggins (1994), procurando relacionar os aspectos teóricos mencionados com os resultados da análise das cartas de aconselhamento (em anexo) propostas.

3 Resultados & Discussão

Nesta seção, apresento os resultados da análise das duas cartas de aconselhamento selecionadas para este estudo. A fim de discutir os resultados, esta seção organiza-se a partir; (a) de considerações teórico-metodológicas que apresentam e contextualizam a análise e seus resultados; (b) da análise propriamente dita; (c) da discussão com base na análise e (d) de considerações finais sobre os resultados alcançados.

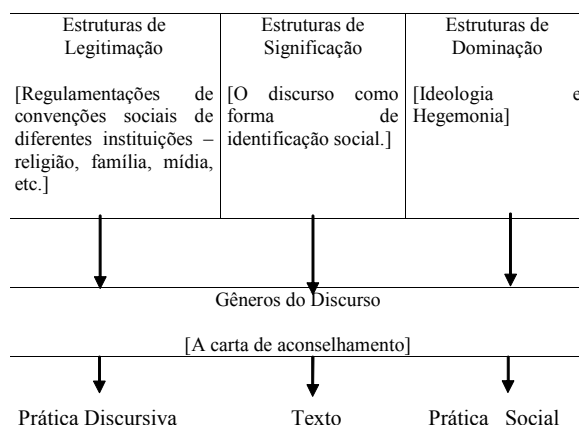
Para exposição dessa organização de resultados, os tópicos se subdividem em: (a) *Prática social e discursiva* com a análise das dimensões interdiscursivas identificadas nas cartas e (b) *Texto* com a análise das metafunções ideacional e interpessoal, buscando entender como as identidades se constroem nas cartas.

⁴Tradução do autor.

3.1 Prática social e discursiva sob a perspectiva da ACD de Fairclough

Segundo Meurer (2005, p. 94-95), a Análise Crítica do Discurso (ACD) desenvolvida por Fairclough (1992; 1994) propõe que “cada evento discursivo seja analisado sob três ângulos ou dimensões que se complementam: como texto, prática discursiva e prática social, buscando respectivamente, a sua descrição, interpretação e explicação”. Essas três dimensões são exploradas nas seções que seguem. Para entendermos a proposta em três dimensões de Fairclough (1992; 1994) com a relação entre discurso e estrutura social, retomo parte do quadro 1, relacionando-o com as três dimensões de análise:

Quadro 2 – A estrutura social e linguagem (GIDDENS, 1984 e MEURER, 2000; 2004) e a relação com a proposta de Fairclough (1992; 1994) na ACD



Entendo que a dimensão da prática social proposta por Fairclough está relacionada com a análise das estruturas de dominação (GIDDENS, 1984) a qual reproduz formas de hegemonia e ideologia que se inter-relacionam na sociedade. Prática discursiva, por sua vez, analisa as estruturas de legitimação das diferentes intervenções interdiscursivas de instituições reguladoras do discurso (religião, mídia, família, etc.). Quanto à dimensão texto, busca-se compreender o

discurso como forma de identificação social, desconstruindo as estruturas de significação que influenciam sua constituição.

3.1.1 Interdiscurso, hegemonia e ideologia

As condições sociais de produção determinam o discurso. A maneira como as pessoas interpretam os textos depende de convenções sócio-discursivas que essas pessoas assumem. Meurer (2005, p. 103) afirma:

a realidade é criada discursivamente, os textos são investidos ideologicamente e refletem lutas de poder, os significados não são estáveis, mas variam, dependendo das estruturações sociais e dos discursos que orientam, isto é, como diferentes tipos de textos se articulam no gênero com as formas de ideologia e hegemonia.

Na carta de aconselhamento, por trás do texto, temos “ideologias que se estabelecem como uma fundação sobre a qual se apóiam as maneiras de ser e de agir no mundo: diferentes instituições reguladoras interferem interdiscursivamente no discurso” (MEURER, 2005, p. 104). Percebemos a imposição de ideologias resultantes de estruturas de legitimação e regulamentação (Religião, Família, por exemplo) oriundas de regras que determinam o discurso das cartas em análise:

Carta I
Religião
Seção Problema

- “Tive uma formação católica bastante forte e é isso que tem me mantido “celibatário” por tão longo período”. (l. 2-3)
- “Os trechos da Bíblia [...] parecem condenar a homossexualidade”. (l. 7-8)
- “Acredito na vida eterna e gostaria de poder merecê-la” (l. 9-10)

Carta I
Religião
Seção Solução

- “Que Deus conserve assim”. (l. 16)
- “Sou homossexual [...] sou assim pela graça de Deus.” (l. 17-18)
- “É para felicidade que Deus nos criou [...]” (l. 24)

Percebe-se, nos trechos retirados, a visão hegemônica da orientação sexual. Ao criar essa representação do real de que a Religião pode condenar a homossexualidade, o texto se constrói, naturalizando a constatação do castigo, da punição e do pecado pela “diferença” de opção sexual. Percebemos que “cada instituição tem os seus discursos, sempre investidos de determinadas ideologias, determinadas maneiras de ver, definir e lidar com a realidade” (MEURER, 2005, p. 87). Os trechos contribuem para a reprodução do discurso hegemônico da Religião que, legítima, regulamenta e domina os demais, contribuindo para a construção da identidade reprimida a essa hegemonia já que “as ideologias estabelecem uma fundação sobre a qual se apóiam as maneiras de ser e de agir no mundo” (MEURER, 2005, p. 102).

Família
Carta I
Seção Problema

- “Não me sinto feliz na condição de viver só e sem a possibilidade de ter um relacionamento”. (l. 3-4)
- “[...] me casar e ter filhos forçosamente, como muitos o fazem [...]” (l. 5-6)

Carta II
Família
Seção Problema

- “Sou gay, mas ninguém da minha família sabe” (l. 1)
- “Minha família é conservadora” (l. 4)
- “Vejo caso de garotos que assumem e a família os expulsa de casa”. (l. 4-5)

Carta II
Família
Seção Solução

- “As famílias conservadoras têm bastante dificuldade para aceitar” (l. 16)

Os fragmentos acima, ideológica e hegemonicamente, apresentam a representação da realidade sob o prisma das aparências. Baseados em Meurer (2005, p. 102), podemos afirmar que essa “naturalização” [de preocupar-se com as aparências], por sua vez, não apenas cria um espaço de tensão entre o aceitar-se ou o negar-se como também contribui para “silenciar a existência de outras realidades”. A identidade, por sua vez, se insere num espaço de tensão/conflito entre o que *é* e o que *parece ser*.

O importante nessa análise é compreender como as estruturas sociais (legitimação, significação e dominação) determinam a prática discursiva, regularizando-a e institucionalizando sua significação. Com isso, podemos entender que as regras e recursos se interpenetram e se interinfluenciam. Nesses processos, “dependendo das relações complexas entre normas/significações e alocações/autorização implicadas nas práticas sociais, diferentes identidades/papéis sociais são instanciados, diferentes relações são estabelecidas [assim como] diferentes representações da realidade [...]” (MEURER, 2004, p. 149).”

Sob essa perspectiva, passo à análise da metafunção ideacional, buscando compreender como o sujeito homossexual representa suas experiências por meio do discurso, e da interpessoal, identificando as relações sociais e as identidades construídas sociodiscursivamente dos participantes das cartas.

3.2 Texto

3.2.1 Representação da realidade & relações sociais

3.2.1.1 Representação da realidade: análise da transitividade – metafunção ideacional

Ao falarmos sobre nós, relacionamo-nos com o Outro, representando nossa realidade (visão do real) através de diferentes personagens, atributos, fenômenos e ações – por meio de escolhas léxico-gramaticais, criamos posições a partir das quais nos constituímos (e ao outro) e (re)construímos nossa identidade. Baseado em Halliday (1994), podemos afirmar que a metafunção ideacional se dá a partir do texto como (re) construção de conhecimentos e crenças que os indivíduos revelam sobre diferentes aspectos do mundo.

As representações que construímos do mundo, da “realidade” que nos cerca, é feita através de processos, participantes e circunstâncias e sua análise busca compreender quais são as atividades sociais que se desenrolam ao longo do texto (MEURER, 2005). O quadro a seguir faz uma exposição dos processos relacionados apenas aos dois participantes focados na análise: o problematizador (o homossexual) e o solucionador (o especialista):

Carta de Aconselhamento 1

Quadro 3 – Análise da transitividade da carta 1

Participante	Processos					
	Material	Relacional	Existencial	Mental	Comportamental	Verbal
<i>Problematizador</i>	Venho Tive Viver Ter (3) Casar			Sinto (2) Agrada	Negando Ignorar Acredito	
<i>Solucionador/ Especialista</i>	rezando	Sou Era Estou		Entendo Pensei Conheço	Assumi Conto	

Podemos verificar a presença de vinte processos, predominando os materiais (6) e comportamentais (6) em contraste com os demais relacionais (4) e mentais (4). A partir dessa análise, podemos investigar o que está sendo dito e como os autores (o problematizador e o especialista) representam os fatos ou a realidade a que se referem.

Na carta de aconselhamento 1, intitulada “Eu nego minha homossexualidade”, há a evidência de centralizar o assunto acerca do comportamento (homossexual) e nas ações, isto é, tomadas de iniciativas acerca do assunto (homossexualidade).

Quanto aos processos comportamentais e materiais, estes são caracterizados por verbos que retomam freqüentemente a problematização do indivíduo quanto a sua orientação sexual, reforçando valores, crenças e atitudes sociais hegemônicas que se apresentam em tensão/conflito a posição ou atitude do indivíduo problematizador (P), mas que servem de subsídio para as soluções exortativas do solucionador/especialista (S/E). Vejamos:

P.: “Sou católico e há 31 anos *venho* me *negando* a homossexualidade”.

P.: “Também não me *agrada* a possibilidade de ter que *ignorar* tudo isso e me *casar* e ter filhos (...).

P.: Se eu puder *ter* uma vida mais feliz”.

S/E.: “Nosso Deus não *condena*, nem *julga*: nosso Deus *ama*, *acolhe* e *salva*”.

Percebe-se que o solucionador/especialista, ao apresentar sua resposta, utiliza processos predominantemente relacionais (enfatizando sua relação de semelhança com o problematizador, apresentando-se também como homossexual) comportamentais (demonstrando a compreensão do problema) e materiais (apresentando sua única ação “rezar”) como atitude frente ao problema que se apresenta.

Podemos ainda afirmar que o solucionador/especialista apenas apresenta-se consciente do problema, autoidentifica-se, mas delimita as ações a serem realizadas pelo problematizador; pois estas parecem estar apenas relacionadas ou dependentes da concessão da igreja (Instituição de Regulamentação).

Por outro lado, esse fato parece refletir elementos normativos característicos no discurso dos participantes, já que ambos pertencem à mesma esfera de ação social, compartilhando certos códigos de significação que delimitam e caracterizam o discurso produzido, assim como suas identidades sociais, como apresentado abaixo:

Quadro 4 – Relação processos-participantes na constituição do discurso e da identidade

Problematizador	Católico há 31 anos
Solucionador	Quando assumi como homossexual eu já era padre
Processos/ Ações	Rezar, casar, viver.
Identidades	Católicos e homossexuais

Verifica-se, por outro lado, que mesmo pertencentes à mesma esfera social, os participantes da carta assumem papéis distintos que estão em relação de oposição binária: (a) o problematizador e (b) o solucionador/especialista.

Essa classificação da identidade como unidade diferencial está relacionada com o que Woodward (2000, p. 46) afirmar ser uma ordem social, isto é, “organizar a vida cotidiana de acordo com esses princípios de classificação e de diferença, envolve, muito frequentemente, um comportamento social repetido ou ritualizado, [...] um conjunto de práticas simbólicas partilhadas”.

Em outras palavras, essa classificação nos permite dar sentido ao mundo social, identificando identidades, papéis e relações sociais em determinados eventos comunicativos socialmente construídos e compartilhados. Dessa forma, analisar eventos tipificados de comunicação (aqui o gênero carta de aconselhamento), não apenas se objetiva a discutir os processos envolvidos na produção de sentido como também em que medida esses processos se tornam recursos de representação e construção de relações e identidades sociais.

Carta de Aconselhamento 2
Quadro 5 – Análise da Transitividade da carta 2

	Processo					
Participantes	Material	Rela- cional	Exis- tencial	Mental	Com- portame ntal	Verbal
Problematiza-dor	Quero (2) Continuar Escondendo Fazer	Sou Ser		Tenho	Consigo	
Solucuinador/ Especialista				Penso		

Na carta 2, intitulada “Quero me revelar, mas não sei como”, podemos verificar a presença de 9 processos relacionados aos participantes problematizador e solucionador. Com a predominância de 4 processos materiais, os verbos “querer”, “continuar”, “esconder” e “fazer” denotam as diferentes ações pertencentes ao problematizador, em oposição ao solucionador que apenas se utiliza de um processo mental para apontar sua posição frente ao problema.

Diferentemente do especialista/ solucionador da carta 1, este não se auto-identifica e apresenta suas constatações sem qualquer posição claramente pessoal. O próprio papel de profissional faz com que o discurso produzido por esse participante seja diferente do especialista/ solucionador da carta 1, já que “o discurso tem recebido como elemento que molda e é moldado pelas práticas sociais” (MEURER, 2005, p. 85).

A esse respeito, Hall (2000, p. 14-15), citando Giddens (1990), afirma que, “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas”, isto é, o discurso está em permanente reestruturação, o que diretamente confronta-se com a construção de identidades. Hall (2000, p. 13) argumenta que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos [...] somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

Nas cartas temos o confronto de negar-se ou aceitar-se como homossexual, além do papel do solucionador/especialista em auxiliar/aconselhar o homossexual nessa decisão, construindo, por meio da linguagem, suas representações da realidade.

Após a breve análise da metafunção ideacional das duas cartas, podemos concluir que o discurso, a partir das diferentes escolhas lexicais e gramaticais que fazemos no uso da linguagem, não apenas fortalece nossa representação da realidade, como contribui para a compreensão de como nos constituímos, como constituímos o Outro e nossa própria vida social.

3.2.1.2 Relações sociais – metafunção interpessoal

Meurer (2005, p. 99) afirma que “de acordo com a Gramática Sistêmico-Funcional, ao mesmo tempo que cria significados ideacionais, qualquer texto estabelece algum tipo de relação interpessoal”. Fairclough (1992; 1994) subdivide a função interpessoal proposta na Linguística Sistêmico-Funcional em duas perspectivas: relações sociais e identidades. Halliday (1994, p. 68) afirma que, “simultaneamente com sua organização como mensagem, a sentença é também organizada como um evento interativo envolvendo falantes, escritores e audiência”.⁵ Dessa forma, podemos afirmar que diferentes gêneros envolvem diferentes identidades e diferentes tipos de relações pessoais.

As cartas apresentam uma linguagem que busca a informalidade e a aproximação entre o problematizador e o solucionador/especialista. Essas características são marcantes tanto na exposição do problema quanto na seção da solução.

Nas cartas 1 e 2 predominam as declarações afirmativas e negativas que buscam a troca de informações e funcionam como proposições, requerendo uma certa informação (orientação) ou a fornecendo.

Dessa forma podemos afirmar que, nas cartas de aconselhamento analisadas, as relações pessoais estão assim representadas:

⁵Tradução do autor.

Quadro 6 – Relação entre proposições e polaridade com base em Eggins (1994)

Seção Problema	Seção Solução
Declarações = Polaridade positiva ou negativa	Declarações = Polaridade positiva ou negativa
Requerendo informações	Fornecendo informações
“Sou católico e há 31 anos venho me negando [...] (Positivo) Carta 1	“Você, devagar, pode começar a introduzir o assunto de uma maneira geral [...] (Positivo)
“Sou gay, mas ninguém da minha família sabe”. (Negativo) Carta 2	Nosso Deus não condena nem julga: nosso Deus ama, acolhe e salva [...]”. (Negativo)

O que se percebe no quadro é que, na seção problema, temos o papel do homossexual como problematizador, requerendo informações, sugestões ou orientação acerca do seu problema. Para tanto, utiliza proposições afirmativas e negativas, que contribuem para a construção de sua identidade.

Por outro lado, na seção de solução, temos o papel do especialista/solucionador como o responsável por apresentar soluções, conselhos e sugestões para o problema em exposição. Para isso, este se utiliza também de proposições afirmativas e negativas que representam a visão pessoal e auto-identificada do solucionador/especialista da carta 1 e a visão impessoal e profissional do solucionador/especialista da carta 2.

Quanto a aspectos de formalidade e informalidade presentes nos textos, os graus de informalidade nas cartas estão representados por escolhas léxico-gramaticais que caracterizam:

- *Léxico atitudinal* que apresentam índices avaliativos do problematizador ou do solucionador/especialista.

“Também não me agrada a possibilidade de ter que ignorar tudo isso e me casar e ter filhos **forçosamente** como muitos o fazem, mesmo porque não sinto **atração física nenhuma** por mulher” (Carta 1; problematizador)

“[...] que **lindo coração** o seu [...]. Você tem **absoluta razão** em querer lutar para ser feliz”. (Carta 1; solucionador/especialista)

“[...] quero ser **livre** para fazer o que quiser. Mas tenho **medo** das conseqüências [...]” (Carta 2; problematizador)

“**Parabéns**, sem **dúvida nenhuma** você já tem mais da **metade do caminho** andado” (Carta 2; solucionador/especialista).

• *Modalização* para expressar *opinião*, concordância ou discordância.

“Acredito na vida eterna e **gostaria de poder** merecê-la, mas se eu puder ter uma vida mais feliz também aqui na Terra, **seria** melhor”. (Carta 2; solucionador/especialista)

“Na hora certa (e só você pode sentir isso), **poderá** ir falando mais abertamente [...]” (Carta 2, solucionador/especialista).

• Vocativo

“Querido Lucas, paz!” (Carta 1; solucionador/especialista).

Por outro lado, é perceptível uma diferença de relação⁶ entre a carta 1 e 2. Quando levados em consideração os graus de informalidade baseado na proposta de Eggins (2004, p. 63-65) acerca das três dimensões de relações sociais realizadas pelos interactantes

⁶ Tenor em inglês.

por meio da linguagem, podemos verificar uma diferença quanto ao uso da linguagem em relação ao *poder, contato e envolvimento*. Eggins (2004) apresenta as dimensões de relações conforme o quadro:

Quadro 7 – As dimensões do discurso formal e informal na carta com base em Eggins (1994)

Registro Informal	Registro Formal
Poder Igual Homossexual X Homossexual	Poder Hierárquico Homossexual X Psicóloga
Contato Freqüente “Conheço a crueldade da sociedade e também os segmentos da nossa igreja em relação às pessoas homossexuais [...]”	Contato Não-frequente “As famílias conservadoras em geral têm bastante dificuldade de aceitar qualquer tipo de diversidade [...]”
Alto Envolvimento Afetivo “Conte comigo [...] como seu irmão e amigo [...]”	Baixo Envolvimento Afetivo “Faça tudo o que for possível para alcançar o que você deseja e não meça esforços para conquistar seu espaço”
Carta de Aconselhamento 1	Carta de Aconselhamento 2

Percebemos que, embora ambas as cartas apresentem características informais no uso da linguagem, a análise das dimensões da relação no registro difere na carta 1 em comparação à carta 2. Percebe-se que a diferença de registro está na constituição da identidade social dos interactantes: homossexual X homossexual (carta 1) e homossexual X psicóloga (carta 2). Segundo (Eggins, 2004, p. 64) essa constatação está de acordo com a idéia que “a identidade social em uma dada situação tem impacto no uso da linguagem”.⁷

As pessoas utilizam a linguagem de maneiras culturalmente aceitas, “o que nos faz perceber que o contexto cultural tem um impacto no uso da linguagem através de gêneros e suas estruturas”⁸ (EGGINS, 2004, p. 76).

⁷ Tradução do autor.

⁸ Tradução do autor.

Considerações Finais

Vejo que utilizando gêneros como instrumento de compreensão das diversas atividades humanas fortalece não apenas a identificação e entendimento dos diversos papéis e posições sociais nos quais nos encaixamos, como também das diferentes relações das quais participamos.

Entendo que nossa identidade se constrói pelo discurso, espaço nos quais os diferentes “gêneros moldam [nossas] intenções, motivos, expectativas, atenção, percepção, afeto [...] aumentando nossa própria consciência da vida” (BAZERMAN, 2005, p. 102-103).

Ao longo do trabalho foi possível verificar que nossa identidade se constitui pelo discurso que, por sua vez, se constitui por meio da relação entre linguagem e estrutura social. Regras e recursos delimitam e regulamentam o discurso, estruturando e delimitando nossas ações e usos que fazemos da linguagem. Essas regularizações autoritárias padronizam o uso que fazemos da linguagem e, portanto, prescrevem nossa identidade, estruturando-a de forma compensatória aos recursos e regras oriundos da estrutura. Percebemos, em suma, que nos constituímos e constituímos o Outro a partir do discurso, sofrendo determinadas coerções das estruturas que representam os diferentes aspectos da realidade.

As cartas de aconselhamento, nessa perspectiva, apresentaram-se como um espaço de (re)construção de identidades, uma vez que, através do discurso, os diferentes participantes não apenas refletiram sobre suas condições, como questionaram e avaliaram diferentes modos de conduta estruturantes de sua identidade e participação na dinâmica social. Na solicitação por ajuda, como na apresentação de soluções, as cartas serviram como uma representação de anseios, tensões e construção de indivíduos e discurso que não apenas contribuíram para compreensão do sistema social contemporâneo como os diferentes modos de ser e agir impostos pela sociedade.

Em conclusão, retomo a importância da compreensão da linguagem e da sua relação com o social na compreensão de nossas ações cotidianas. Entendo que essa discussão sobre a prática lingüística contribui para que possamos entender que interagimos pela linguagem nos constituindo, constituindo o Outro e à nossa vida social, questões estas que fortalecem o papel cultural da linguagem e a preocupação da

construção da identidade homossexual frente às propriedades estruturadoras da vida em sociedade as quais constituímos e por elas somos constituídos.

Carta de Aconselhamento 1

situação, há possibilidade de quitar o débito; pretando, nos estranho se você primeiro não de pagar a dívida para depois discutir a responsabilidade. Isto é realmente injusto, mas funciona como uma garantia de que você pode vir a ser resarcido, incluindo aí o seu ex-namorado. Só não esqueça que a prova testemunhal será de importância fundamental.
 Xerxes Danilo Dias e advogado, OAB/RS nº 1.194
 xerxes@netoia.com.br



também bom amigo na revista Estudos Bíblicos, número 66, da Editora Vozes/Sinodal (2002). Mas se por algum não for possível ler nada, li que no entanto que você não é um pecador, não promiscuo, nem está condenado por ser homossexual. Você é ILIBERDO (DOPS) e não a coisa do estêreo que você é para o amor infeliz. Conte comigo, como ministro da misericórdia de Deus com os amigos ímuns, na mesma orientação sexual e mesmo fé. Deus o abençoe. Estou torcendo muito por você e conto também com as suas orações.
 Pe. Evandro, e-mail padremamali@igmail.com.br
 Rua: Nova 1798, CEP 41357-950, Salvador-BA

RELIGIÃO

Eu nego minha homossexualidade

Sacristão e há 31 anos vou me agendo a homossexualidade. Tenho um filho, dois filhos biológicos. De vez em quando me sinto "culpeiro" por não fazer penitência. Não sou crente, falo na verdade de maneira que a possibilidade de fazer isso novamente. Tenho um filho biológico e possibilidade de ter que gerar mais dois e eu quero ter filhos biológicos como muitos o fazem, mas não posso me sentir atordoado pelos motivos por estudar. Os meios de Bíblia que são usados para divulgar os textos — e Bíblia em inglês — podem realmente ajudar a homossexualidade. Amado me sinto alone e gostaria de poder me sentir, mas não posso fazer isso. Não posso fazer também aqui no Brasil, sem a Bíblia. Obrigado desde já pelo exemplo.
 Lucas Salgado-BR

Quando Lucas, FAZ! Obrigado por sua carta e sua confiança em partilhar comigo uma realidade tão profunda e bonita como é a nossa orientação sexual. Que lindo exemplo a seu. Que Deus nos dê assim, cheio de verdade e caridade. Enfiando profundamente a sua dor, sua homossexual como você é, até entender que sou assim pela graça de Deus, foi um longo caminho. Quando me assumi como homossexual eu já era padre e até padre, em defesa o sacerdotado. Mas hoje não tenho mais nenhuma ligação, além de Deus ter me chamado padre, Ele me chamou para ser um sacerdote entre as pessoas homossexuais, para mais não há reserva. Você tem a certeza não um querer lutar para ser feliz. É para a felicidade que Deus nos criou. Conteço a realidade da sociedade e também de segmentos da nossa Igreja Católica em relação a pessoas homossexuais, mas isso não é a atitude de Deus para conosco. Nosso Deus não condena nem julga nosso Deus, ama, acolhe e salva. Conteço muitos textos que manipulam a Palavra de Deus para ridicularizar atitudes homossexuais e preconceituosas; também também estudos sérios, sobre por biólogos católicos e/ou evangélicos, que tratam da homossexualidade como realidade humana. Se quiser, leia o livro O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade, do Edições GLS, do padre Daniel A. Holzmann. Ou ainda o Livro do padre José Trindade: Entendi com Homossexuais, Ed. Vozes 1999. Há

PLANTÃO CIDADANIA

Vocês têm um emprego para mim?

Qualquer empresa precisa contratar um empregado, de qualquer setor: garçons, garotas, jardineiros... Se você não pode ser de outra orientação e não quer trabalhar com outra orientação... Então, você não é a única pessoa empregada para você?
 Ana, interior de Minas Gerais
 Meu país por onde estou vivendo e cidadã!

Caso você não seja da CL, infelizmente, estamos com o nosso quadro de funcionários completo no momento. Entretanto, a ABC (Associação de Empregados GLS do Brasil) está criando um Banco de Emprego, que estará disponível para todos os associados, empresários que trabalham com/para o público em todo o país. Nosso conselho é que você envie seu currículo para o endereço abaixo ou para o e-mail da responsável pela organização do banco: a advogada da associação Ana Elisa Lalli (analise@abcegl.com.br).

Mais informações, tanto por parte dos que procuram emprego quanto das empresas que querem ter acesso ao Banco de Emprego, podem ser obtidas pelo tel. (11) 3819-4696.

Associação dos Empregados GLS do Brasil
 Avenida Franco, 1.967, Jardim Paulista
 São Paulo, SP CEP: 01422-062

Atendimento Jurídico a Homossexuais Diversidade de Homossexuais
 DEFENSORIA HOMOSSEXUAL DE SÃO PAULO
 para orientação homossexual, debate social, etc.
 tel. (11) 278-9298 e mail: smp@defensao.org.br

Carta de Aconselhamento 2



Mantém suas dúvidas para esta seção S.O.S. - Av. Eng. Luís Gerbá Berrini, 936, 12º andar, CEP 04571-903, São Paulo/SP ou pelo e-mail goretdios@uol.com.br



Divã



Quero me revelar, mas não sei como

"Sou gay, e as relações de minha família são, há um tempo, cada vez mais tensas. Não consigo, porém, ser livre para fazer o que quero. Mas acho tudo isso uma grande perda: minha família é sempre tão boa e acho que não poderia, sob essas condições, sustentar a família ao longo do tempo. Não quero, no entanto, ser casado."

JAM, Porto Ferreira, SP

Porém, sem dúvida nenhuma você já tem mais do que de quinze meses. Está casado em sua atualidade, harmoniosa e feliz para os dois, sem conflitos. Sabe que é seu direito ser livre e amado como é, sem concessões de julgamentos ou preconceitos. Você demonstra sua consciência de que viver casado é ruim e não adianta manter isso por muito tempo. Agora, nada mostra vida perfeita, não é mesmo? Tudo tem um preço, toda escolha pode implicar numa perda, toda opção acarreta consequências. As famílias conservadoras, em geral, têm bastante dificuldade para aceitar qualquer tipo de diversidade, qual que seja a orientação dos filhos e estas costumam ficar das expectativas privadas. Por outro lado, quando de fato estão amor, há de ser possível. Pense que você, de qualquer modo, pode começar a mostrar o seu amor de uma maneira geral, sem esperar seu caso, e ir mostrando que eles precisam de fato, quem demonstra alguma flexibilidade para mudar o assunto de uma maneira mais ampla, assim como quem pode ser um futuro aliado. Mantenha sua posição claramente, expresse seus sentimentos e faça firme fronteiras pessoais, seja da vida ou da família, é sempre uma boa postura a adotar. Na hora certa, se você pode sentir isso, poderá ir falando mais abertamente, falando sobre si mesmo, com a ajuda que demonstrar (ou não) suas propostas e compreender sua situação, com muito julgamento e discriminação.

Quando a intenção é correta e a atitude também, parece que a energia de todo o cosmos conspira a favor e as situações complexas e difíceis vão se desmontando do melhor de que esperamos. É verdade que você precisa de coragem, tranquilidade interna e certeza daquilo que você é e quer para sua vida. Mas também é verdade que não temos nenhuma garantia de que pode acontecer quando nos revelamos, são vários fatores que você está tomando e está apenas a você peculiar e que é mais importante para o seu momento de vida.

Então, caso você sinta que não existe nenhuma possibilidade de sua família aceitar sua condição e/ou você ainda não está preparado sob todas as condições de assumir essa condição, vá se fortalecendo, criando conexões internas e externas, até chegar o momento que você tenha suporte



JURÍDICO



Meu namorado me roubou

"Eu me casava com meu ex namorado em outro estado há alguns meses. Nos separamos e ele me roubou. Se eu não tivesse ido depois dele, não teria sido possível. Como eu a pensava e como eu não sei de onde ele se vestiu, já que não sou de nenhuma cidade de origem, não sei onde ele está. Não sei onde ele está e não sei onde ele está."

TANIA, São Paulo, SP

Caso Tânia, atualmente, em termos de se lembrar a mesma das dívidas de consumo, isso na realidade é o sistema de cobrança, e também a administração do crédito. O caso, caso não é uma exceção. Muitas vezes a família não é utilizada por seu ex namorado, isso não existe a responsabilidade também, da administração do seu cartão. Na verdade, a primeira responsável, considerando que seja possível falar em termos de tempo, é a administração do seu cartão, já que a mesma deveria tomar o cuidado de não enviar cartão e em separado a senha, para que o cartão não pudesse ser utilizado por quem quer que seja, inclusive o seu ex namorado. O que é possível fazer é ingressar em juízo, chamando a responsabilidade administrativa pelo erro, para após receber o ressarcimento de seu ex namorado. Vem bem, provavelmente você terá de se ocupar da responsabilidade, comprovando que não foi você que fez os gastos, por meio da fatura e de documentos dos estabelecimentos comerciais onde eles foram feitos. E se depois poderá colocar o seu ex namorado como o verdadeiro responsável perante a administração, para foi ele quem os realizou, dentro do mesmo processo judicial que lhe fala. Mas, perante algumas



210

SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 9/2, p. 185-213, dez. 2006

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Os Gêneros do discurso. In: _____. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAZERMAN, C.; DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C.. (Orgs.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Printer, 1994.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. **Media Discourse**. London: Longman, 1994.

FONTANINI, I. Cartas ao editor: a linguagem como forma de identificação social e ideológica. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais: subsídios para o ensino de línguas**. Bauru: EDUSC, 2002.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **A transformação da intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

_____. **The constitution of society**. Cambridge: Polity Press, 1984.

GOMES, M. C. **Considerações sobre gêneros híbridos, mídia e mudança social**. Campinas: Trabalho de Lingüística Aplicada, 2003.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: _____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997 [1992].

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social semiotic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1985.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** Palmas/União da Vitória: Kaygangue, 2005. p. 17-34.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: _____; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola, 2005.

_____. Ampliando a noção de contexto na lingüística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso. **Linguagem em (Dis)curso,** Tubarão, v. 4, p. 133-157, 2004.

_____. Genre as diversity and rhetorical mode as unit in language use. **Ilha do Desterro,** Florianópolis, n. 43, p. 61-82, 2002.

_____. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, M.B.; TOMICH, L.M.B. (Orgs.) **Aspectos da Lingüística Aplicada.** Florianópolis: Insular, 2000. p. 149-166.

MOITA LOPES, L. P. da (Org.) **Discursos de identidade: discurso como espaço de construção do gênero, sexualidade, raça, idade e**

profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 13-37.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial. 2005.

PEREIRA, J. S. V.; ALMEIDA, M. B. Sabe tudo sobre tudo: análise da seção de cartas pergunta em revistas femininas para adolescentes. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: EDUSC, 2002.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: _____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes. 2000.